

CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA ATRAVÉS DO CINEMA NA COMUNIDADE

Valmira Oliveira da Paixão¹

Faculdade de Tecnologia e Ciências-FTC

Gilvan dos Santos Sousa²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Arlete Ramos dos Santos³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Resumo: O presente artigo constitui-se de um relato de experiência a respeito de uma atividade realizada na comunidade do assentamento Terra Vista, a fim de promover uma integração e socialização entre o público infante-juvenil através do cinema e proporcionar lazer, desenvolvimento social, cultura e senso crítico. Subsidiados por autores como Rocha (1988), Mészáros (2008), Munanga (2010), dentre outros, buscam mostrar também a importância do cinema como estímulo ao olhar ativo, contribuindo para a formação de um espectador mais crítico e reflexivo, ampliando sua visão de mundo e uma compreensão mais ampla do universo em que cada um está inserido. Defendemos o trabalho com filmes que abordem e enalteçam o cotidiano dos sujeitos envolvidos. Pois no processo de ensino-aprendizagem pode transformar a escola um significativo espaço de discussão corroborando assim a função social da escola.

Palavras – chave: Cinema. Cultura. Comunidade.

INTRODUÇÃO

A oficina descrita neste artigo foi desenvolvida no Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos (CEEPFCCMS), construído no Assentamento Terra Vista, localizado no município de Arataca, região Sul do estado da Bahia. Essa atividade de intervenção foi realizada pelas estudantes do curso de especialização em Educação do Campo, oferecida pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em cumprimento das atividades exigidas na disciplina Didática da Educação do Campo.

¹ Graduada em Letras (português/Inglês), pela Faculdade de Tecnologia e Ciências. Professora na área de linguagens no Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau do Chocolate Milton Santos.

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2010), e graduação em Artes pela Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES,. Especialização em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional pela Universidade Cândido Mendes e Especialização em Artes pela FACIG-supervisor PRONATEC prisional-Professor nível II

³ Profa. Adjunta da UESB; Doutora e Mestre em Educação pela FAE/UFMG. Profa. do PPGE/UESC e do PPGED/UESB.

Para o desenvolvimento da atividade em destaque, consideramos necessário pesquisar sobre alguns aspectos do *locus* supracitado como a localização territorial, as atividades culturais e esportivas, dentre outras.

Nesse íterim, fizemos um levantamento com o público infante-juvenil a respeito do tipo de entretenimento que eles (as) queriam que desenvolvêssemos. Com unanimidade escolheram o estudo sobre cinema, destacando dois filmes, os quais de acordo com eles, se aproximavam das vivências da comunidades, a saber: “Vida de Insetos” e “Pantera Negra”.

Para Vesce (2018), a variedade de saberes apresentados nos filmes deve transcender a simples utilização do cinema como estímulo audiovisual ou como uma ilustração da realidade, trazendo para o campo da educação, a didática, a reflexão e a investigação sobre como as imagens e os estímulos audiovisuais educam as pessoas e influenciam seu imaginário.

A autora segue afirmando que para isso deve-se partir de uma análise sob um enfoque sociocultural para se construir uma didática que identifique e discuta as questões ideológicas e mercadológicas, que envolvem produções culturais como o cinema. Ainda nessa perspectiva, Ferreira e Júnior(1996) destacam que a “projeção de uma película instrutiva pode estimular ou motivar os alunos por uma investigação mais profunda dos assuntos apresentados na tela (p.104)”

Notamos que o uso do cinema com recurso vai além do entretenimento, tanto para o educador como para os educando. Diante disso, consideramos relevante o uso do referido recurso no projeto de intervenção descrito nesse trabalho.

PROJETO DE INTERVENÇÃO E ESCOLA: UM ESTÍMULO À APRENDIZAGEM

Autores como Dias (2004), Hernández e Ventura(1996), dentre outros, afirmam que projeto de intervenção é de extrema importância, pois correlaciona, aproxima e dialoga a entre os pesquisadores e a com a comunidade. Desempenhando dessa maneira, sua função social da universidade. Ao divagar sobre esse assunto, Dias e outras (2004, atestam que:

"O que inaugura esta prática pedagógica como inovadora é o fato de aceitarmos o desafio da desinstalação, de desfazer certezas, conviver com o provisório, ressignificar determinadas opções, adotando o currículo como fio condutor do trabalho que será desenvolvido, de forma flexível, não linear, a

partir de questões levantadas pelos alunos e/ou condições contextuais que emergirem das situações do cotidiano. (p.230)"

Nesse sentido, procuramos utilizar o cinema de forma que fosse além do entretenimento, mas promovesse uma interação entre nós, os pesquisadores e os sujeitos colaboradores da pesquisa, na perspectiva da desmistificação desse binarismo pesquisador/pesquisado, bem como a valorização da cultura e do contexto-histórico da comunidade.

Após questionarmos a respeito das opções de lazer presentes na comunidade do Assentamento Terra Vista, percebermos que as crianças e jovens não se viam contemplados nas atividades de entretenimento desenvolvidas na comunidade, pois os entrevistados, consideravam que a capoeira e o futebol, esportes exclusivamente masculinos, e para adultos. Questionados, se teriam alguma uma sugestão, foram unânimes na escolha do cinema, afirmando, inclusive, que poderia ser exibido no O CEEPFCCMS.

O assentamento supracitado foi criado em 1994, sendo uma das primeiras áreas de reforma agrária no sul da Bahia. Surgido no auge da crise provocada pela vassoura-de-bruxa. Hoje, é o exemplo de que um projeto de agricultura familiar com foco na sustentabilidade na educação, respeitando a identidade cultural dos sujeitos, pode melhorar a vida de muitas pessoas. Caldart (2002, p. 72), afirma ser necessário, respeitar a especificidade do território, de acordo com ela:

O território é um trunfo dos povos do campo e da floresta. Trabalhar na terra, tirar da terra sua existência, exige conhecimentos que são construídos nas experiências cotidianas e na escola. Ter seu território implica em um modo de pensar a realidade. Para garantir a identidade territorial, a autonomia e organização política, é preciso pensar a realidade desde seu território, de sua comunidade, de seu município, de seu país, do mundo.

De acordo com Hall (1997), as pessoas se sentem mais próximas de uma identidade na medida em que essa a representa de forma mais adequada, ou seja, a similaridade vai surgir de um diálogo entre os conceitos e definições, que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo de responder aos apelos feitos por estes significados. Por isso consideramos relevante a intervenção da universidade, partir do diálogo com os sujeitos colaboradores, por compreendermos que

[...] a educação do campo que se fundamenta nos princípios da pedagogia socialista – formação humana integral, emancipatória - vinculada a um projeto histórico que busque superar a sociedade de classes – e a uma teoria do conhecimento, que o concebe como imprescindível e voltado para a transformação social. (SANTOS; PALUDO; OLIVEIRA, 2010, p. 53).

Creemos, assim, que tornar acessível à comunidade do campo, o uso da mídia audiovisual, trabalhando com filmes, ou outros recursos não se configura como exclusão da cultura local, mas, como a tentativa de inserção de uma nova forma de propiciar o acesso a outras formas de conhecimentos. Evidencia a autora que a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica, voltada para a realidade dos sujeitos, preocupando-se com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo e, mais amplamente, com a formação humana. E, sobretudo, trata de “construir uma educação do povo do campo e não apenas com ele, nem muito menos para ele” (CALDART, 2004, p. 12).

Para Silva (2009), a compreensão dos significados da escola para os/as jovens do meio rural - especialmente no que se refere à relação com o saber - perpassa o conhecimento dos espaços de vivência e aprendizado extraescolares, numa perspectiva em que o diálogo e o respeito por suas condições de vida passam a ser fundantes. Dessa maneira, se entende a função social da escola, vai além de compartilhar conhecimentos em sala de aula, e de acordo com Mészáros (2008), o preceito ideal e o papel prático da educação no curso da transformação socialista, consistem em sua intervenção efetiva continuada no processo social em andamento, por meio da atividade dos indivíduos sociais, conscientes dos desafios que têm de confrontar como indivíduos.

A REPRESENTATIVIDADE ATRAVÉS DA ARTE ÁUDIO - VISUAL

Nossa oficina, a qual alcunhamos de “Cine em minha comunidade”, foi realizada no dia quatro de agosto do 2019, no CEEPFCCMS (figura 01), no assentamento Terra Vista, localizado na cidade de Arataca – Bahia, com o público infanto-juvenil do assentamento supracitado.

Figura 01 -CEEPFCCMS



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Para a concretização da atividade realizamos uma pesquisa de campo, visitando as casas da comunidade local que tinham crianças e adolescentes, no intuito de saber, qual o tipo de ação que a equipe providenciaria para ser contemplada pelo coletivo local.

Através das conversas informais, por unanimidade, os adolescentes e as crianças optaram pela exibição de um filme, cremos que a escolha deve-se ao fato de não ter um cinema próximo.

Ressaltamos que em conversa com a coordenadora de educação do assentamento, a mesma nos revelou que tinha desenvolvido essa proposta a alguns anos, porém, pela instabilidade do emprego, o contrato dela foi rescindido, levando-a a suspender as atividades de exibição de filmes. Percebemos que foi uma atividade marcante, para os educandos devido à forma que as crianças e adolescentes responderam que queriam *“cinema e com comida”*.

Ferrante (1994) proclama que pensar projeto para uma localidade e, principalmente, na perspectiva de Educação do Campo, implica reconhecer a diferenciação de suas origens, trajetórias de vida e discutir a perspectiva de existir uma história social, comum em suas andanças, sustentada pelo vínculo representado pela relação mediato-imediata com a terra.

Sob essa ótica, cremos que a educação em evidência deve ser pensada a partir de um currículo que possa favorecer a apreensão dos conhecimentos historicamente produzidos,

sem subjugar a realidade s os saberes dos povos do campo, compreendendo, assim a escola com instrumento fundamental para o fortalecimento da luta pela terra, bem como para valorização da identidade do sujeito do campo, uma escola que se propunha construir um projeto de transformação social, “estimulando a autogestão no processo de elaboração, desenvolvimento e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de ensino (BRASIL, 2002, p. 02) e como descrevem Taffarel; Escobar; Perin (2010, p. 188-191), uma instituição cujo “currículo escolar [...] realiza a tarefa de educar, que trabalha as diferentes dimensões do desenvolvimento humano integral, pela mediação específica do trabalho em seu sentido ontológico como fundante do ser social (188-191).

Em síntese, uma escola que pense em formar o trabalhador do campo com os conhecimentos exigidos pela sociedade, sem negligenciar a formação de um ser humano consciente, que almeja a construção de uma sociedade emancipada, onde homens e mulheres sejam livres.

No que tange aos filmes escolhidos, ambos abordam a importância do trabalho coletivo e a representatividade indenitária, questões que permeiam as formações que acontecem promovidas pelo MST.

Por termos dois filmes a serem trabalhados, bem como grupos de idades distintas, organizamos duas sessões, sendo que a primeira atenderia ao público infantil, das 14h às 16h, e a segunda turma de adolescentes, das 16:00 às 18:30.

Objetivando um maior número de expectadores elaboramos alguns cartazes com o título “Cine em minha comunidade”, explicitando o local e a data da realização, e distribuimos convite entre os moradores as comunidade.

No tocante aos recursos, nos valem dos aparatos tecnológicos como notebook, pois os filmes foram baixados diretamente no mesmo, com alta resolução; data show para projetar a imagem na parede, para dá ideia de telão de cinema; caixa de som para ter efeito sonoros similares ao de um sistema de projeção profissional

Vale retratar alguns pontos que consideramos importantes na trama Vida de inseto: a relação e a convivência entre os animais, o meio ambiente, conceitos sobre preservação ambiental e, por fim, mudança da estação para o inverno, que obriga as formigas trabalharem para armazenar alimentação e os gafanhotos, se apropriam desses recursos, dado que leva as formigas, que embora sejam frágeis, se sentirem pressionadas se organizarem para resistirem, provocando uma revolução contra o processo de exploração.

A lição de comportamento das formigas, ao trabalharem em equipe, visando a resistência no remete aos escritos de (MARX, 1987), quando o teórico descreve sobre “ações de envergadura”, importantes no processo de luta de classes por melhoria. Após assistirmos ao filme, (figura 02) ouvimos os comentários relacionados ao enredo, e a algumas cenas, alguns compararam a vida real, onde os considerados mais fracos, são explorados por um grupo dominante fazendo-se necessário que os trabalhadores se organizem-se, na luta por melhores condições de vida e superação da exploração

Encerradas as discussões, eles, por iniciativa própria, se organizaram, para preparar o espaço pra a próxima exibição.

Figura 02- exibição do filme Vida de inseto



Fonte: Acervo do autor

Figura 03 organizando e espaço



Fonte :Acervo do autor

De acordo com a proposta destinada ao público adolescente, exibimos o filme “Pantera Negra” (figura 04), que além de apresentar algumas peculiaridades da Região Africana, traz como protagonista o primeiro herói negro, retrata um país rico em meio a uma onda histórica de luta, que, dentre outras coisas, busca defender direitos civis negados aos negros por séculos, a representatividade feminina como resistência e, por fim, uma África rica, ao contrário do que tem se mostrado no livro didáticos.

De acordo com Kabengele Munanga (2010), se configura como um grande equívoco, contar a história do povo negro, a partir do processo de escravização, como se os escravizados vendidos para o Brasil e outros países não tivessem um história de vida antes dessa atrocidade, o que corrobora muito para o processo de discriminação.

Ressaltamos que aos poucos os negros vem conquistando alguns direitos, através de lutas do movimento negro. Dentre eles, a da Lei 10.639/03, que preconiza a história e a cultura do povo africano nos estabelecimentos de ensino com a disciplina o “Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira”

Ainda percebemos o quanto tem sido complicado para os educadores e que, ao enfrentarem e combaterem essas questões de racismo que ainda rondam a escola e a sociedade. cremos que um dos grandes desafios tem sido desfazer os equívocos que visam macular as culturas de origem africana patrocinados pelos distintos grupo da sociedade, sob esse aspecto Nogueira (2006), ressalta que

No Brasil, a intensidade do preconceito varia em proporção direta aos traços negróides, e tal preconceito não é incompatível com os mais fortes laços de amizade ou com manifestações incontestáveis de solidariedade e simpatia. Os traços negróides, especialmente numa pessoa por quem se tem amizade, simpatia ou deferência, causam pesar, do mesmo modo por que o causaria um “defeito” físico. (...) (p. 296).

Mesmo que a lei vise garantir os direitos da população negra, notamos, que talvez seja forma mais cruel do preconceito se apresentar. O racismo “velado,” onde a maioria das vítimas ou o delituoso travestem de “brincadeira”, ou “rotina”, e mesmo que a vítima perceba, não consegue consumir a denúncia, por ser difícil certificar a materialidade (existência de elementos físicos que possam caracterizar o delito).

Consideramos um ponto alto no filme o fato do herói ser negro, haja vista que no mundo midiático, os heróis trazem as características europeias, onde vemos filmes e novelas protagonizados por homens e mulheres de pele clara em papel de destaque apresentando e a população negra sempre representada como subalterna ou vilões, contribuindo para alguns preconceitos e estereótipos. A obra em destaque mostra uma sociedade funcional pautada no respeito mútuo onde as mulheres não apenas coadjuvantes e frágeis, e todos tem o direitos garantidos, independentemente da cor de sua pele.

Figura 04 exibição do filme Pantera Negra



Fonte :Acervo do autor

Terminado a exibição do longa metragem abrimos a sessão de debates, para ouvirmos as opiniões dos educandos, a respeito de alguns tópicos marcantes abordadas como, a cultura africana, a questão do herói ser negro bem como os detalhes que lhes chamaram a atenção a partir de suas experiências vivenciais. Durante o debate surgiram várias questões, como racismo, injúrias raciais, machismo, enfim, demandas que ainda tem permeado os espaços escolares e a sociedade como um todo,

Além disso, percebemos que as crianças e adolescentes de ambas as sessões ficaram contentes, pois essa tarde foi diferente, até porque ouvimos alguns pedidos para que realizássemos outro cinema, posteriormente, por mais vezes. E também, ocorreu a socialização entre meninas e meninos, visto que não tem uma atividade de entretenimento que tenha essa finalidade, salvo nas atividades regulares das escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creemos que pensar cinema para além do entretenimento, pode transforma-lo em instrumento de mediação e de representação, nos distintos âmbitos sociais, fazendo com que a escola transcenda da função ensinar a decodificar sinais, onde o professor saia do lugar de transmissor de conteúdo, para ser mediador, entre texto/leitor imagem/sujeito, valorizando os gestos, os sentimento, os anseios e as inquietações, presentes de cada aprendiz presente no espaço educativo.

A exemplo da vida no formigueiro abordada no filme, tivemos que pensar de forma coletiva de desenvolvermos o trabalho, inclusive a divisão de tarefas, de forma que ninguém se sobrecarregue, ao ponto de comprometer a realização.

Acreditamos que a atividade foi muito relevante, também para nosso colaboradores, pois, além de atender à solicitação deles, conduzimos os trabalhos na perspectiva de valorização de seu conhecimentos prévios respeitando suas peculiaridades o que pode ter contribuído para a ressignificação e a transformação dos saberes através das trocas de experiências e conhecimentos durante o debate.

Creemos ainda que as discussões desenvolvidas tenham corroborado para a transformação das consciências, no tocante ao racismo, machismo ou outra forma de discriminação, pois ao estabelecer um diálogo com o outro, os sujeitos conseguem ampliar seus sentidos, bem como sua relação com o espaço o qual está inserido.

Ressaltamos que as falas obtidas durante as discussões nos permitem afirmar que nosso objetivo foi cumprido com sucesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDART, Roseli Salete. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo.** In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de; (Org.s). Por uma educação do Campo: contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. vol. 5. 2004.

DIAS, Marília C. e outras. **Ensinar e Aprender: uma aventura cotidiana.** Curitiba, PR:

HERNÁNDEZ, Fernando & VENTURA, Montserrat. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho.** O Conhecimento é um Caleidoscópio. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

FERNANDES, B.M.; MOLINA, M. C. O campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. (Orgs.) **Por uma Educação do Campo: Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo.** Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2005.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, UFRGS, vol.22, nº:22, p.15-45.

Lei 10. 639/03. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso 08 ago 2018.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** 4. ed. São Paulo: Nov a Cultural, 1987. v. 1 e 2

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MUNANGA, K. ____ (Org.). **Superando o racismo na escola.** 2. ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

SANTOS, Cláudio Eduardo Félix dos; PALUDO, Conceição, OLIVEIRA, Rafael Bastos Costa de. Concepção de educação do campo. IN: TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira; ESCOBAR, Micheli Ortega, (orgs). Cadernos didáticos sobre educação no campo. Universidade Federal da Bahia, Salvador : EDITORA, 2010.

SILVA, Catarina Malheiros da. **Escola, saberes cotidiano no meio rural: um estudo sobre os (as) jovens do sertão da Bahia.** (Dissertação de Mestrado) Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Brasília, 2009

TAFFAREL, Celi Nelza Z.; ESCOBAR, Micheli Ortega; PERIN, Teresinha de Fátima. Currículo. IN: TAFFAREL, Celi Nelza Z.; SANTOS JR, Cláudio de Lira; ESCOBAR, Micheli Ortega. **Cadernos didáticos sobre educação do campo**. Salvador: Ministério da Educação, 2010

VESCE, Gabriela E. Possolli. **Relação entre cinema e Educação**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/relacao-entre-cinema-e-educacao/> Acesso em 18 ago 2018.